

## CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTORIA DO POVOAMENTO EM S. PAULO ATÉ FINS DO SÉCULO XVIII <sup>1</sup>

GEOGRAFIA, São Paulo. Ano I, n.1, 1935, p. 69-87.

*Rubens Borba de Moraes*

**RUBENS BORBA DE MOARES (1899-1986).** Bibliófilo, bibliógrafo, bibliotecário e ensaísta. Graduado em Letras pela Universidade de Genebra (1919), ao retornar ao Brasil participa da organização da Semana de Arte Moderna, de 1922. Foi diretor da atual Biblioteca Municipal Mário de Andrade (1935-1943), São Paulo, e da Biblioteca Nacional (1945-1947), Rio de Janeiro, além de atuar como professor. Dirigiu a Biblioteca e o Serviço de Informações da ONU durante vários anos. Autor de obras como *Bibliographia Brasiliana*, *Domingo dos Séculos* e *Bibliófilo Aprendiz*. Colaborou com a criação das revistas *Klaxon* (1922), *Terra Roxa & Outras Terras* (1926) e *Revista de Antropofagia* (1928).

Existe, entre os paulistas em geral, uma certa tendência para considerar a expedição de Martim Affonso de Souza, como uma descoberta do território paulista. A fundação de São Vicente pela armada affonsina é estudada por muitos historiadores no mesmo plano que a descoberta do Brasil por Alvares Cabral.

É erro nosso ver. É erro grave não se considerar com bastante atenção tudo quanto existia antes de Martim Affonso.

É verdade que pouca cousa se sabe sobre a história pré affonsina de São Paulo. Mas os poucos documentos á nossa disposição nos contam factos de summa importancia.

---

<sup>1</sup> Texto reproduzido com sua grafia original.

Esse passado obscuro é de tal maneira importante que um estudo do povoamento do território paulista precisa prencipiar pelo histórico da situação "antes de Martim Affonso". Façamos, pois, desde o início uma divisão nessa pré-história: 1 ° os índios; 2° os habitantes europeus chegados antes da armada de 1532

## OS INDIOS

Os índios que habitavam o território paulista não eram tão nomades quanto a muitos parece. Sabe-se que não viviam exclusivamente de caça e pesca. Possuíam já uma agricultura que os fixava a um determinado território. Tinham uma noção muito viva dos limites do seu "paiz" e guerreavam sem dó aquelles que tendessem ultrapassar suas fronteiras. Viviam em aldeias fortificadas. Em certas épocas do ano, no momento da abundância de certas frutas do matto, na estação propícia á pesca de certos peixes, partiam em grandes expedições a procura desses alimentos para voltarem mais tarde ás suas aldeias. Seguiam caminhos certos e sempre os mesmos. Caminhos esses que existem até hoje trilhados pelas nossas estradas de ferro e nossos automóveis.

A influência indígena em São Paulo foi tão considerável que ela se faz sentir em quase todas as manifestações de nossa civilização. Nao só, por exemplo, na maneira de construir a casa de pau a pique, como também, cremos, até, nessa nossa fala descançada, que confunde r e l característico do nosso bom sotaque paulista.

Vejamos pois, muito esquematicamente, qual era a situação do povoamento indígena no território hoje ocupado por São Paulo.

No planalto, tendo como centro Piratininga, imperava o Guyaná. Suas fronteiras não iam, ao Norte, além do divisor Tietê-Parahyba. No litoral, de Cananéa até as proximidades de Ubatuba. Do outro lado dessas fronteiras, ao sul, reinavam os Carijós. Ao norte, esparramados pelo Valle do Parahyba, e, atravessando a serra até Ubatuba, viviam os Tamoyos.

Fronteiras muito delimitadas de um lado, imprecisas de outro. O pesquisador se vê desorientado pela falta de documentos, pela dificuldade de se reconhecerem as raças diferentes, as tribos amigas e inimigas chamadas ora por um nome ora por outro.

Os índios do planalto usavam para se comunicarem com o litoral de três grandes caminhos: o primeiro, de Piratininga ao Cubatão, trilhado pelos Guayanazes; o segundo, de Taubaté a Ubatuba usado pelos Tamoyos e o terceiro, ao sul percorridos pelos Carijós.

É dentro desse território pequenino, desse país dos Guayanazes, que se vai desenvolver o mameluco paulista num esforço contínuo para alargar suas fronteiras até levá-las aos seus limites naturais de grandes rios e serras e viver dentro d'elles tão extranhamente isolado durante os primeiros séculos.

Mas não era somente, povoado esse território, de índios, antes de aqui aportar Martim Affonso de Souza.

#### OS PRIMEIROS POVOADORES EUROPEUS

Naufragos, aventureiros de toda a sorte já estavam, nas primeiras décadas do século XVI, estabelecidos no litoral e até serra acima, formavam três núcleos: São Vicente, Cananéia e Santo André. Desses três núcleos o mais importante foi o São Vicente. Servia já n'aquella época de porto de refresco obrigatório para as armadas em demanda no rio da Prata. Possuía recursos consideráveis, tendo em conta a época e o lugar. Alonzo de Santa Cruz não hesita em chamá-lo de "Pueblo de San Vicente" Descreve seu aspecto parecido com o de uma aldeia portuguesa do século XVI com torre de defesa de pedra. Possuía um estaleiro rudimentar para concertos de navios e até fabricação de bergantins. Seus habitantes europeus cultivavam, para seu sustento e para vender aos navios de passagem, não só os mantimentos da terra como verduras europeas. Criavam galinhas e porcos. São Vicente já era enfim uma verdadeira aldeia, um núcleo de povoamento europeu, o primeiro em toda a costa da America Portuguesa.

Quanto aos dois outros, parecem ter tido uma importância bem menor. Celebrizaram-se sobretudo pelos nomes de seus principais habitantes, o mysterioso bacharel de Cananéia e João Ramalho.

A missão de Martim Affonso não foi portanto de fundar um núcleo de povoamento, mais mui habilmente de se aproveitar do que já existia, de se servir da base, de lhe dar uma vida official e localizar dentro desses núcleos os povoadores importados. Não é fundador, é colonizador. É o

espírito prático, conhecedor das realidades, que sabe se aproveitar da oportunidade única de apoiar sua colonização em homens adaptados ao paiz e que vão em grande parte, garantir-lhe o sucesso. Martim Affonso oficializa a existência de São Vicente e com notável visão compreende a importância da aldeia de João Ramalho em pleno sertão, a única em toda a costa atlântica da América. Cria os cargos do governo, dá existência oficial, distribue terras pelos imigrantes.

São Vicente devido a sua situação de porto de mar, prospera rapidamente. É d'elle que vae a partir a onde povoadora. Já em 1545 Braz Cubas funda a cidade de Santos em lugar bem escolhido. Mais tarde, em tempos já de Thomé de Souza, Santo André, á boca do sertão, atraz de seus muros de páo a pique e taipa, constantemente atacado pelos indios, torna-se um verdadeiro castello forte de fronteira.

Em torno desses nucleos já se abrem as roças, já se fundam os engenhos de assucar, já se crea um povoamento rural. O colono lavra a terra e defende sua fazenda de armas na mão contra o indio.

Mas em meados do século XVI que appareceu um novo factor do povoamento com um verdadeiro methodo de colonizador: o Jesuíta. Nobrega com sua alta visão de politico, Anchieta com a energia de um santo jesuita, resolveram fundar serra acima, entre as tribus Guayanaz, um collegio para cathechizar os selvicolas. A situação geographica de São Paulo, sua localização estratégica sabiamente escolhida pelo instinto guerreiro dos indios, em pouco tempo transformou esse novo castello forte num nucleo de povoamento de primeira ordem. A politica jesuita de aldeamento dos indios em pouco tempo esparramou pelos territorios do planalto, em torno de São Paulo, uma quantidade de aldeias. Entre essas aldeias espalharam-se as fazendas. O sertão começou a recuar.

Por outro lado já em fins do século XVI começam a apparecer serra acima as primeiras povoações de fundação particular. Parnahyba fundada por volta de 1580 por André Fernandes, Mogy das Cruzes, Juquery. No litoral fundam-se os núcleos de Itanhaem, Xiririca, Iguape. De tal maneira que ao alvorecer do século XVII a situação do povoamento de São Paulo era a seguinte:

O litoral sul já era bastante povoado com as villas de Cananéa (villa em 1578) Xiririca, Itanhaem (villa em 1561) Cubatão, São Vicente e Santos. O litoral norte, entretanto, era muito menos povoado, não possuindo

nenhuma villa. Algumas sesmarias tinham sido concedidas em São Sebastião, mas nenhuma aldeia, nenhum povoamento urbano existia. É que os terríveis Tamayos de seu quartel general em Ubatuba assolavam a costa Norte toda até o forte construído em Bertioga, como sentinella avançada da civilização paulista. O litoral Sul ao contrário era, já antes do povoamento official em 1532, todo ele habitado pelos Guayanazes aliados dos Vincentinos.

No planalto o nucleo principal era São Paulo. Em torno da futura capital as inumeras aldeias de indios fundadas pelos jesuitas: M'Boy, Santo Amaro, Pinheiros, Guarulhos, Carapicuíba, Itaquecetuba, São Miguel etc, e mais as primeiras villas de fundação particular já citadas.

É essa eschematicamente, a situação dos nucleos de povoamento urbano de São Paulo em fins do seculo XVI.

#### SECULOS XVII E XVIII

Fora desse territorio é o sertão. Não é, porem, um sertão tão ignoto assim. Era palmilhado pelos indios em constantes correrias. A elles frequentemente, se juntavam brancos aventureiros. Guiados por elles bandeirantes anonymos começavam a exploração. Vindos do Rio da Prata por terra, aqui chegavam aventureiros. Portugueses e mamelucos audazes iam abrir fazendas a leguas e leguas de qualquer povoação. Entre as villas, toda a terra já tem dono, e é mais ou menos cultivada. É dessas fazendas, dessas roças, que vae surgir o grande problema do seculo XVII paulista: a falta de braços. Problema tão angustioso que não respeita a lei contra a escravização dos índios, não respeita a autoridade dos jesuitas. As fazendas estabelecidas em terras ruins em torno de São Paulo não produzem o bastante para a importação da mão de obra escrava da África. O imigrante espanhol ou portuguez, por sua vez não vinha para ser asslariado, mas para se tornar imediatamente proprietário. Não havia possibilidade de se obter um proletariado rural sufficiente para se lavrar tanta terra. Só um remédio restava, de acordo com a mentalidade d'aqueles tempos: escravizar os indios. Foi o que se fez. Mas desde logo a população indígena dos lugares povoados foi se tornando insufficiente. Óra, os jesuitas do Paraguay haviam estabelecidos ao Sul de São Paulo, formidaveis reservas de mão de obra em suas famosas reduções. Surgem

então as “bandeiras de caça ao índio”. O paulista ataca as reduções e volta a São Paulo com os índios escravizados. A bandeira de caça ao índio pouca importancia tem para o povoamento. O bandeirante dessa epoca não funda as cidades, não é um povoador, suas expedições são de caça, guerreiras, de abastecimento de mão de obra. O bandeirante do primeiro periodo, parte sertão a dentro, passa annos fora, mas volta a terra natal. Volta sempre, que elle tenha ido caçar índios no Paraguay, quer elle tenha ido até o Peru em busca de ouro e aventuras. Só mais tarde, quando os indicios de ouro são certos, é que o paulista organiza suas bandeiras não mais guerreiras, mais exploradoras.

As bandeiras do segundo período são mais organizadas no sentido de uma grande exploração. O bandeirante não vae mais fazer uma guerra, uma “razzia”, mas explorar um territorio. Sahem depois de conhecer uma parte do caminho, nelle estabelecem pousos. Nesses pousos plantam roças, abrem fazendas para servir de ponto de reabastecimento e descanso. Dessas escalas é que mais tarde nascem as cidades.

Mas, abrangendo esse lonmgo período de dois séculos, estudando o mappa das zonas do Brasil povoadas pelos bandeirantes paulistas, a conclusão é que as bandeiras tiveram uma importancia minima no povoamento de São Paulo. A bandeira foi um elemento despovoador de São Paulo. O bandeirante despovoou São Paulo. Povoou o Brasil. E quando se calcula a população paulista dos seculos XVI e XVII e se compara o vasto territorio por eles povoado, e se estuda a imigração quase nulla para São Paulo, onde não havia ouro nem diamantes, é que se comprehende melhor a terrivel crise, a verdadeira decadência de Piratininga na segunda metade do seculo XVIII devido a falta de gente. Se se considera por outro lado a sangria tremenda feita na população paulista pelas guerras do Sul, pelos alistamentos obrigatorios para se fundarem as colonias militares em terras da fronteira do Brasil, é que se explica melhor como um agente tão aguerrido não tenha fins do seculo XVIII povoado e explorado todos os seus limites naturaes.

De facto, em começo do seculo XIX é extremamente pequeno o numero de cidades no territorio. Apenas estão povoados os caminhos para as minas. Para se ir às mais importantes, as Minas Gerais, seguia-se o vale do Parahyba. Não sendo o rio praticamente navegavel, ia-se por terra. As cidades iam surgindo. A principio muito distantes umas das

outras. Novas escalas intermediárias iam-se fundando à medida que o comercio se ia desenvolvendo. E enquanto não se canaliza o ouro para o Rio de Janeiro com a construção de uma estrada surgem as cidades no alto da Serra do Mar como pousos do comercio Mineiro. Esses comercios se faziam sobretudo, pelos dois caminhos dos indios: Paraty - Cunha e São Luiz do Parahyttinga - Ubatuba.

E essa zona do valle da Parahyba a mais povoada de cidades, a mais prospera, conquistada pelos primeiros mamelucos aos Tamoyos, aos “contrários” de quem falla João Ramalho. Essa gente do vale do Parahyba, oriunda de uma mesela com indios de outras tribos que a dos campos de Piratininga, vivendo durante seculos mais ligada á gente mineira e Fluminense, cedo vae se diferenciar da gente do vale do Tietê e conservar um character especial até nossos dias.

Para se ir a Goyaz, seguia-se mais ou menos o traçado de atual Mogyana por Mogi-mirim, pouso de bandeirantes fundada em meados do seculo XVII.

Para se ir as minas de Mato Grosso seguia-se por terra até Porto Feliz. D’ahi em diante o rio é navegável e o bandeirante não tem a mesma necessidade de cidades e villas. E Porto Feliz, fica sendo a bocca do sertão, do sertão por onde se vae de canoa, varando as cachoeiras.

Para se ir para o Sul, para os campos de Curytiba e as Missões, seguia-se o mesmo caminho que até hoje, por Sorocaba, Itapetininga, Faxina.

Mas com a decadência das minas, ganha a agricultura. O paulista emigra menos. Procura em seu proprio territorio as terras melhores para cultivar. Começa então o verdadeiro povoamento pela emigração dos proletariados de terras cançadas para as terras de maior rendimento, “atrahidos pela fertilidade da terra”. Essa emigração de paulistas em procura de terras roxas mais tarde, já em pleno seculo XIX, é que se desenvolve graças ao grande povoador, o grande colonizador, o verdadeiro civilizador do paulista: o café.

Até então, até a epoca que nosso modesto estudo abrange, as cidades paulistas não iam alem da zona já delimitada.

Fóra dessa zona é a phrase impressa nos mappas da nossa infância “território desconhecido, habitado por índios selvagens”.

Estabelecidas as tres grandes etapas do povoamento de São Paulo, verificamos que apesar de abrangerem um enorme periodo da história

paulista, apesar das inúmeras cidades fundadas por motivos diversos, podemos estabelecer uma certa classificação entre essas cidades, ou melhor, classificar os diferentes métodos usados nesses tempos para se fundar uma cidade.

A classificação que proporíamos seria a seguinte:

I \_\_ Povoador Anônimo

II \_\_ Aldeias de índios

III\_\_ Sesmarias - fazenda

IV\_\_ Capela

A - Particular

B - Coletiva

C - Romaria

V \_\_ Pouso

A - de bandeira

B - de tropa

VI \_\_ Fundação deliberada

A - Colônia militar

B - Patrimônio

Essa Classificação seria válida para o período estudado. De facto com notamos, durante o século XIX o desenvolvimento rápido de São Paulo em torno da cultura do café, transformou de tal maneira a nossa civilização que seria necessário um estudo especial para essa época e abrir, pensamos, duas novas categorias que chamamos de "Patrimônio industrial" e "Estação de estrada de ferro."

#### POVOADOR ANÔNIMO

Antes da expedição de Martin Affonso de Souza o povoador anônimo, é o aventureiro, o naufrago. E o misterioso bacharel de Cananéia, é João Ramalho, Gonçalo da Costa, Antonio Rodrigues. São todos aqueles que viviam perdidos nesta costa vivendo com uma gente... "que comem carne humana y es muy buena gente", como diz Diego Garcia.

Localizavam-se nas aldeias de índios, vivam mais ou menos como elles. O índio para elles significava recursos, quando amigo. A importancia desses primeiros povoadores anonymos é por demais evidente para ser necessario faze-la resaltar. Foram o chamariz para os primeiros immigrantes europeus, os verdadeiros fundadores dos primeiros nuclos de povoamento já estudados.

Mais tarde, e mesmo até hoje, o povoador anonymo é o caboclo que entra pelo sertão e que se estabelece em terras alheias ou devolutas. É o “intruso” com posse feita, lavrando uma terra que não lhe pertence. É o “sem terra”. Sem recursos para compra-la, sem proteção para obtela, sem habilidade para se apossar. E tambem, ás vezes, o inadaptado é a civilização, typo primitivo que não pode viver ao lado do progresso e que muda de lugar assim que a civilização se aproxima. São typos de todos os tempos. Encontramol-os em qualquer seculo. Sejam os “moradores” anonymos de Araraquara, já na primeira metade do seculo XVIII, sejam os cultivadores estabelecidos na região das terras massapé de Campinas em fim do seculo XVIII, sejam os caboclos intrusos das terras da Noroeste de hoje.

Nessa classe é preciso também inculir os “fugidos da justiça”. Gente criminosa que para fugir da acção da policia entra pelo sertão a dentro, abre roça e fica a espera que o tempo passe e com elle o esquecimento dos seus crimes. É tambem o desordeiro de todos os tempos que a policia manda soltar no sertão. Assim já no seculo XVIII precediam os capitães móres de Porto Feliz e Itú mandado deportar para a confluencia do rio Tiête com o Piracicaba quem praticava crimes em suas cidades. Mais tarde, quando a civilização se aproxima, é junto dos povoadores anonymos que ela vae localizar, no lugar já “aberto” e muitas e muitas vezes é alli que se vai fundar a cidade. Assim tiveram origem muitas das nossas cidades e assim continuam a nascer no sertão até nossos dias.

## ALDEIA DE INDIOS

O jesuita do seculo XVI foi o unico pregador da fé que tinha um methodo e uma disciplina propria quanto á catequese de índios. O jesuita não se contentava em catequisar o gentio, procurava transformal-o em ‘Soldado de Christo’. Reunia os índios em aldeias, submetia-os a trabalhar

a horas certas, e reunirem o producto do trabalho em comum para ser aproveitado por todos da comunidade. Esse methodo deu no Paraguay os resultados mais favoraveis.

Em São Paulo, porem, bem menor foi o resultado. Seguindo o methodo jesuita os Anchieta fundaram em torno Piratininga, onde a população indigena era bastante densa, diversas aldeias. Ora reuniam os indios esparsos pelo interior em um determinado lugar, ora estabeleciam a redução numa aldeia já existente. Mas a vizinhança do homem branco, a probeza da terra a ser cultivada e a indole dos nossos indigenas pouco se ageitou á disciplina de vida imposta pelos santos jesuitas, a falta de braço para a lavoura e a prohibição da escravização dos indios, provocaram a crise de expulsão dos jesuítas e a decadencia rápida das aldeias. Já em fins do seculo XVIII as poucas que ainda existiam viviam a mais miseravel das existencias. Somente hoje em dia com o desenvolvimento da capital é que esses lugares retornaram á vida como suburbios.

### SESMARIAS E FAZENDAS

A sesmaria foi um dos processos mais comuns de povoamento de São Paulo.

Requeria-se uma sesmaria, allegando alguém não ter terras sufficientes para manter a familia, pretender ir povoar determinado lugar, etc. Assim Diogo de Unhatte em principios do seculo XVII allegava, entre outras coisas, para obter sesmaria em São Sebastião, ter cinco filhas para se casar. Francisco Rodrigues requer em 1601 que se lhe dê uma sesmaria perto de Sorocaba por estar á caminho desse termo “a povoar e lavrar mantimentos”.

Uma vez concedida a terra mudava-se para ella o dono com sua familia. É preciso considerar que quando se diz familia nos primeiros seculos de nossa historia, entende-se a “gens” toda, composta de toda a parentella e dos administradores. Era a tribo toda que se mudava e quando um paulista alegava que queria ir povoar com a familia, povoava de facto.

Estabelecia-se o povoador no lugar mais apropriado e começava a cultivar. Dessa fazenda é que vai nascer mais tarde o núcleo do povoamento.

É preciso observar entretanto que nem sempre os povoadores se instalavam em terras cujas sesmarias já tinham obtido. Muitas vezes instalavam-se primeiro e, depois, de posse da terra, é que requeriam a sesmaria alegando serem “moradores antigos do lugar”. Outras vezes o proprietário dava parte de suas terras. É o caso de André Fernandes proprietário de uma sesmaria que compreendia os atuais municípios de Paranayba, São Roque, Itú e Sorocaba. André Fernandes dava terras ‘de amor em graça’. Braz Cubas obteve em 1560 uma enorme sesmaria que começava em baixo da serra e ia até Mogy das Cruzes. Dentro della fundou uma fazenda. Mais tarde para essa sesmaria se mudou Braz Cardoso e sua ‘gens’. O núcleo primitivo foi se desenvolvendo e em 1611 já era a Vila de Mogy das Cruzes.

A sesmaria entretanto tem um valor maior para o povoamento rural, esparso, que para o povoamento concentrado em forma de cidade. A sesmaria produziu a fazenda, a fazenda a capella, ou o pratimónio, e esses, as cidades.

## CAPELLA

A capella foi o fator mais frequente da fundação de cidades em São Paulo até fins do século XVIII

Vejamos como se estabelecia esse núcleo de povoamento.

Desde já podemos estabelecer tres categorias de fundações de capella como ficou dito:

- a) - a Fundação individual
- b) - a Fundação Coletiva
- c) - a Fundação de Romaria

No primeiro caso, o habitante de um determinado lugar, estabelecido em suas terras, longe de todo o socorro espiritual, resolve, á sua custa, construir uma capella. Feita a construção sob a invocação de algum santo de sua particular devoção, o fundador por ato publico ou testamento dota a capella. Esse dote é geralmente constituído de uma determinada

area de terras em torno do templo. Alguns devotos ricos dotam suas capellas em testamento com a terça de seus bens e donativos especiais como prédios em cidades próximas, dinheiro, alfaias, etc. Lourenço Franco da Rocha dota a sua capella do Campo Largo de Atibaia com “moradores da casa” em Atibaia. Geralmente o fundador da capella designa um parente para administrar o legado. A esse administrador é que cabe dar ou vender as terras em torno do templo ás pessoas que ali desejam se estabelecer e que mais tarde vão formar os primeiros habitantes da villa.

No segundo caso, a capella não é fundada por uma só pessoa mas sim pela cooperação dos habitantes esparsos que desejam ter perto de si os socorros espirituaes. Nesse caso a capella é edificada em lugar escolhido de accordo, dentro das terras de um dos fundadores ou nas divisas de diversos.

A distincção é importante. Pois no primeiro caso a capella se estabelece em lugar menos povoado que no segundo. No primeiro, a capella resupõe uma familia de habitantes, no segundo vai a capella servir a uma região já mais povoada. Jundiahy pertence ao primeiro caso: pois foi pelos anos de 1615 que Raphael de Oliveira e a viuva Petronilha Rodrigues Antunes para fugirem á acção da justiça, entraram para o sertão com suas familias e ali se estabeleceram “edificando logo depois” uma capella sob a invocação significativa de Nossa Senhora do Desterro.

Araçariguama pertence ao segundo caso. Alli possuíam importantes fazendas Francisco Rodrigues Penteado. Guilherme Pompeu de Almeida e seu filho, o famoso rico e banqueiro dos bandeirantes. Reunidos é que edificaram a capella para socorrer no espirital os habitantes esparsos do lugar.

Ora, no primeiro caso, é provavel que a região de Jundiahy fosse nesse tempo pouco povoada. No segundo, ao contrário, sabemos que a capella vinha atender aos desejos dos fazendeiros do lugar em territorio já bastante povoado.

Quanto ao terceiro caso, a fundação de capellas de romaria, é pouco frequente em São Paulo nos seculos estudados. Existem apenas duas dessa forma de fundação: Aparecida e Pirapora. Por volta de 1719, o pescador João Alves pesca no Parahyba uma imagem de N. Senhora. Em

1743 o bispo dá licença para se construir uma capella para a santa. Os milagres se repetem e em torno da capella se forma a villa das graças aos romeiros. Em Pirapora, o caso é um pouco diferente. Depois de ganhar uma capella construída por José Almeida Neves, em 1730, é que o Bom Jesus se torna milagroso e que as romarios se repetem dando nascimento a uma cidade.

Em todos os casos, porem, a capella serve de fixação de uma população mais ou menos esparsa. É em torno da capella que se crea a villa. Para ella converge a vida da região. Em torno della se estabelece a commercio, o centro consumidor, a cidade.

## POUSO

### a ) - Pouso de bandeira

É engano pensar-se que as bandeiras eram compostas de aventureiros andando ao acaso pelo sertão em busca de indios ou de metais preciosos. Ao contrario, a bandeira obedecia a uma organização rigorosa quer na sua composição quer no seu itinerario. Antes de partir a bandeira, hirarchicamente organizada, mandava o chefe estabelecer ao longo do caminmho que pretendia seguir, pontos de reabastecimento e dencanço. Nesses lugares estabeleciam-se roças.

Nessas roças, mais tarde, é que se ia fixar directamente, o nucleo de povoamento urbano. A sorte desse nucleo estava intimamente ligada à sorte das bandeiras. Assim é que a riqueza das Minas Geraes e Goyas deram um desenvolvimento rapido a Mogy-mirim e Mogy-guassú, rossas primitivas em pouco tempo transformadas em villas. A construção da estrada ligando directamente Minas Geraes e Rio de Janeiro, canalizando todo comercio mineiro para fora de São Paulo, foi o começo da decadencia das cidades do Valle do Parahyba, decadencia da qual só o café e pleno seculo XIX as iria salvar.

Mas, enquanto as minas estiveram em plena prosperidade foi enorme o movimento de vae e vem da "caravana humana". Surge então um novo processo de fixação da população:

**b) - Pousos de tropa**

A tropa, a tropa de burro, não tem grande importância até o século XVIII, pois até então o verdadeiro “burro de carga” é o índio. Mas a tropa humana como a de burro, também estabelece pousos ao longo do caminho comercial. É interessante notar, mais uma vez, que os caminhos seguidos pelo comércio são sempre as velhas estradas há séculos percorridas pelos índios. Assim é que os trilhos dos índios Tamoyos entre o Vale do Parahyba e Ubatuba e Paraty se transformam em verdadeiras estradas comerciais compostas em Cunha e São Luiz do Parahytinga. Por essas estradas se faz grande parte do comércio das minas. E mais tarde, com o aparecimento da agricultura intensiva, multiplicam-se os pousos e surgem as cidades.

**FUNDAÇÃO DELIBERADA**

**a) - Colônia militar**

A política exterior portuguesa do século XVIII, seguida pelos governadores de São Paulo, foi quase exclusivamente a de recuar o mais possível, pela ocupação de facto, as fronteiras do Sul do Brasil em detrimento de Espanha. Ocupar e defender a posse com tratados. Para realizar essa posse efectiva, os governadores geralmente usavam o sistema bárbaro militares povoadas à força. Toda essa política foi feita quase que exclusivamente com gente de São Paulo. Assim se fundaram Lages, Castro, Iguatemy. O fracasso terrível da maioria dessas povoações instaladas em lugares inadequados foi um dos factores mais importantes do despovoamento de São Paulo.

A colônia militar, isto é, a cidade mandada fundar pelo governo, no século XVIII, não age, para São Paulo como factor de povoamento mas de despovoamento. Aliás o governo colonial em nada contribuiu para o povoamento de São Paulo.

## **b) - Patrimonio**

Chamamos de patrimonio a terra destinada pelo seu proprietario a ser nella construida uma cidade. É preciso entretanto distinguir duas classes de patrimonio: 1º, patrimonio oriundo de um dos typos já classificados e o patrimonio directo, isto é a terra destinada a ser repartida em lotes urbanos.

O proprietario, longe de uma cidade, com o intuito quer de valorizar sua terra creando na proximidade um centro consumidor e distribuidor, quer com a intenção de fixar perto de sua fazenda uma reserva de mão de obra, escolhe um area que divide em lotes que vende ou dá a quem queira ali fixar residencia.

Esse typo de povoamento urbano existiu desde as primeiras eras. Santos não passa de um patrimonio fundado por Braz Cubas. Mas é sobretudo com o progresso da agricultura no seculo XIX que o patrimonio se desenvolve de tal maneira que chega quase a absorver todos os outros typos de povoamento urbano.

Terminado esse schema de classificação é necessario frizar bem que elle não deve ser tomado como uma coisa rigida, um classificação completa e definitiva.

Nem todas as cidades fundadas até fins do século XVIII se encaixam perfeitamente dentro deste ensaio de classificação. Não abrimos um paragrafo para as cidades fundadas em torno de minas em São Paulo. A pobreza de nosso sub-solo em mineraes preciosos não podia facilitar a fundação das cidades.

Não se pode tão pouco estabelecer épocas dentro das quais se fundaram as cidades de um terminado typo. O povoador anonymo genero bacharel de Cananéa, ainda existe, e se não se fundam hoje em dia tantas villas em torno de capellas com patrimonio é que nossa epoca é de indifferença religiosa. Mas fundam-se ainda patrimonios directos. As colonias militares dos governadores gerais do século XVIII tem sua sosia nos nucleos coloniais do século XIX.

Muitas vezes as cidades devem sua origem a factores diversos e são dificeis de se encaixar em um dos typos descriptos. Vejamos um exemplo: Em 1560 D. Francisco de Souza resolve fundar uma povoação perto das minas de Araçoyaba. Morrendo em 1611, não foi adiante a povoação. Em

1645 Balthazar Fernandes e seus genros emigram de Parahyba para essa região onde tinham obtido sesmarias e fundam uma capella com patrimonio. Nasce a cidade de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba. Sorocaba é oriunda de sesmaria ? De capella? De patrimonio? Faria parte das poucas cidades fundadas em torno de minas?

Mas toda grammatica tem regras execuções, e embora a maior parte da gente consiga se exprimir perfeitamente sem conhecer grammatica, não quer isso dizer que ella seja inútil. É um método de estudo como outro qualquer.

### SOMMAIRE

*L' histoire du peuplement du territoire de São Paulo jusq' á la fin du XVIII siècle peut être divisée em tois parties:*

- 1° *\_\_ Avant l' expedition de Martin Affonso de Souza em 1532*
- 2° *\_\_ De 1532 aux "bandeiras"*
- 3° *\_\_ dès 'bandeiras" au commercement du XIX siècle*

*Nous trovons avant l' expédition portuguaise de 1532, trois noyaux de peuplement européens: São Vicent, Cananéa et lê village d' indiens et métis de blancs qui plus tard ira s' appeler Santo André. Lês deux l' hinterland du Brésil á cette epoque. Lês premiers habitantes s' etablissaient de préférence dans lês villages indiens. La population indigène état assez considerable et se divisitschematiquement de la manière suivante: Lês Guyanas occupaient la partie centrale du plateau et la côte. Leur frontieres avec les Tamoyos etaient le diviseur du Tiete-Parahyba et sur la côte, au nord autour de Ubatuba et au sud (avec les Carijós) dans la region de Cananéa. Les Guyanaz se communiquaient avec la côte par un chemin pratique entre Cubatão et la ville de São Paulo, les Tamoyos se servient d' un passage entre São Luiz do Parahytinga et Ubatuba. Ces routes indigènes furent dès les premiers temps utilisées par les européens et le sont encore aujourd' hui. L' expedition de 1532 officialese l' existence de ces premiers noyaux et laisse les premiers imigrants.*

*Au milieu du XVI siècle les jésuites apportent une vértible méthode de peuplement et créent autor de São Paulo une quantité de reductions*

(villages d'indiens cathequisés). Vers la fin du XVI commencent à apparaître les premiers villages de fondation particulière surtout sur le plateau. Le littoral sud, habité par des indiens alliés des portugais, se peuple plus vite que le littoral nord habité par les Tamoyos ennemis. Au XVII le plateau se peuple plus rapidement et aux dépens du littoral, au contraire de ce qui arrivé en général au Brésil. Entre les premières villes commencent à s'étendre les exploitations agricoles. L'augmentation de ces exploitations agricoles provoque une crise de main d'oeuvre. Les paulistes organisent des expéditions guerrières pour aller la chercher dans les réductions de jésuites au sud du Paranapanema. Les expéditions paulistes parties pour la recherche de mines d'or (bandeiras) donnent les premiers résultats positifs. Avec la découverte des mines commence la grande émigration pauliste pour les régions où se travail l'or. A la fin du XVIII s, ce sont surtout les routes vers les mines que sont peuplées. Pour aller à Minas Geraes on suivait la vallée du Parahyba, pour Goyas on suivait à peu près le tracé actuel du chemin de fer Mogyna, pour Matto Grosso on allait s'embarquer à Porto Feliz sur le Tieté. Pour le sud du Brésil on suivait la route par Sorocaba - Itapetininga. Les bandeiras ont été surtout un élément de dépeuplement pour São Paulo. La bandeira peupla le Brésil aux dépens de São Paulo.

Essai de classification des types de peuplement urbain à São Paulo

- I - Habitant anonyme
- II - Villages indiens
- III - Sesmaria et fazenda
- IV - chapelle
  - A - de fondation particulière
  - B - de fondation collective
  - C - de pèlerinage
- V - Pouso
  - A - de bandeira
  - B - de tropa
- VI - Fondation délibérée
  - A - colonie militaire
  - B - patrimônio

RUBENS BORBA DE MORAES

*Cette classification n' englobe pas toutes les Villes fondées à S. Paulo jusq' au XVIII<sup>s</sup>. Il existe des Villes dont il est difficile de connaître exactement l' origine, et qui peuvent être classées soit dans une soit dans une autre des catégories étudiées. Elle est cependant valable non seulement pour l' époque étudiée mais encore pour toute l' histoire depuis les origines jusq' à nos jours, Il suffirait en ce cas de lui ajouter deux nouvelles classes: les gares de chemin de fer et les "patrimônios" industriels, c' est à dire les Villes fondées par les compagnies de colonisation, propriétaires d' immenses étendues de terres, avec l' intention de les valoriser et en faciliter la vente en petits lots agricoles.*